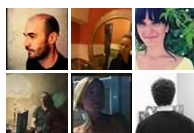


Tu e 193.010 outras pessoas gostas de P3.



Plugin social do Facebook



Dato Daraselia/nFactos

A frase

"Estes jovens insurgem-se e dizem: não somos pobres, somos empobrecidos, não somos inferiores, somos inferiorizados. Recusam a ideia de que não há alternativas e são importantes para uma sociedade tão empobrecida de coragem, de capacidade de desenhar alternativas"
Boaventura Sousa Santos

Rap

Projecto reúne música e sociologia para reafirmar o rap como forma de resistência

Sociólogo Boaventura Sousa Santos e músicos querem mostrar que o rap continua a ser uma forma de resistência. Já há um concerto marcado para o dia 12 de Julho, em Coimbra

Texto de Lusa • 28/04/2014 - 11:29

// A A

O projecto "Há Palavras que Nasceram para a Porrada", que se materializa num concerto em Coimbra a 12 de Julho e em sessões pedagógicas, junta Boaventura de Sousa Santos e rappers, para se reafirmar o rap como "postura de resistência".

Chullage (Nuno Santos), Hezbollah (Jakilson Pereira), LBC (Flávio Almada) e Capicua (Ana Fernandes) reuniram-se com aquele sociólogo da Universidade de Coimbra, debatendo três formas de domínio — "capitalismo, patriarcado e colonialismo" —, para, a partir do debate e dos tópicos lançados por Boaventura, criarem as suas músicas.

O convite surgiu pelo interesse do director do Centro de Estudos Sociais (CES) no rap, que descobriu há cerca de 10 anos, encontrando nesse registo e nas suas características musicais uma possibilidade de criar "uma crítica", a partir de um estilo "onde a voz e a palavra têm um papel fundamental". O código de narrativa e estilo das ciências sociais não lhe permitia ter "um discurso quente".

"Impunha-me um discurso mais racional, que vai contra a subjectividade, os ódios e os amores", tendo escrito um livro de rap, editado no Brasil em 2010, intitulado "RAP Global".

Nesse livro, diz, a determinada parte, que "a raiva é a saliva da alma", uma expressão que leva para a vontade de "expressar certos sentimentos, mobilizando as energias das emoções", rejeitando a domesticação e mediação que tem de fazer como sociólogo.

"Enquanto as ciências sociais perdiam energia política, enquanto a esquerda perdia energia, estes jovens revoltavam-se e assumiam e assumem uma postura de resistência com dimensão artística", disse à agência Lusa. Para Boaventura, o rap ocupou o espaço da música de intervenção contemporânea.

"Estes jovens insurgem-se e dizem: não somos pobres, somos empobrecidos, não somos inferiores, somos inferiorizados. Recusam a ideia de que não há alternativas e são importantes para uma sociedade tão empobrecida de coragem, de capacidade de desenhar alternativas", enalteceu o sociólogo.

Segundo a artista Capicua, que no projecto aborda temas como "o género ou a segregação urbana", o rap é "como um desporto de combate que cumpre um espaço importante na música de intervenção", acrescentando que há uma associação entre o rap e a sociologia na "destruição e questionamento das dinâmicas sociais, culturais e políticas".

Muitos rappers "ocupam o espaço deixado pelos cantautores", em que a "música está ao serviço da palavra" e sempre com uma "preocupação política e uma responsabilidade social", afirmou **Capicua**, referindo que uma das músicas que nasceu a partir do projecto, "A Mulher do Cacilheiro", está presente no seu álbum "Sereia Louca".

"Os rappers são uma espécie de sociólogos", explicou Flávio Almada (LBC), apontando para o género musical como uma "forma de produção de conhecimento" que socialmente "é bastante estigmatizado".

De acordo com LBC, "é fundamental haver um diálogo entre a academia e o hip-hop, porque isso dá profundidade à própria cultura", enaltecendo que "o trabalho de rappers portugueses não é diferente daquilo que Sérgio Godinho, Zeca Afonso ou José Mário Branco fizeram".

O concerto está integrado no Colóquio Internacional de Epistemologias do Sul, que se realiza de 10 a 12 de Julho, do projecto de investigação ALICE, em que se procura repensar e renovar o conhecimento sociocientífico.

0 // Eu acho que

Texto

Gosto 2

Tweetar 1

+1 0

Tags

Vê também

// 25 de Abril: a "playlist" de Paulo de Carvalho 40 anos depois

// Angola: manifestações contra regime têm banda sonora

// Contra a cultura da crise, a cultura da resistência

